

hierarquia social e reproduzir o padrão de desigualdade social criado com a escravidão. A longa duração do escravismo aí se encontra, patente nas estatísticas: quem segue na base da escada social em renda, escolaridade, emprego, prestígio são os descendentes de escravizados.

Angela Alonso é professora livre-docente de sociologia na Universidade de São Paulo (USP) e presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). É autora de *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002), *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007) e de *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro—1868-1888* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015). Publica artigos sobre movimentos políticos e intelectuais em revistas acadêmicas e em coluna mensal no caderno *Ilustríssima*, do jornal *Folha de S.Paulo*.

FONTE: texto produzido a partir de apresentação da autora no seminário *Histórias da escravidão*, realizado no MASP, entre 28 e 29 de outubro de 2016.

1. Este texto constitui uma síntese de meu livro homônimo (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

O EVENTO RACIAL OU AQUILO QUE ACONTECE SEM O TEMPO

DENISE FERREIRA DA SILVA, 2016

Podemos muito bem nos perguntar se esse fenômeno da marcação com ferro quente efetivamente “se transferiu” de uma geração para outra, encontrando seus diversos substitutos simbólicos em uma eficácia de significados que repetem os momentos iniciáticos?

HORTENSE SPILLERS¹

Não vim aqui para ser insultado por um bando de desgraçados, cada tijolo de nossa cidade infernal é cimentado com o sangue de um africano.

GEORGE FREDERICK COOKE²

Não se trata de o passado lançar sua luz sobre o presente, ou de o presente lançar sua luz sobre o passado; mais do que isso, a imagem é aquilo em que o que já foi se junta em um clarão com o agora para formar uma constelação. Em outras palavras, a imagem é a dialética em um momento imobilizada. Pois enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, contínua, a relação daquilo-que-passou com o agora é dialética: não se trata de uma progressão, mas de uma imagem, subitamente emergente. Apenas as imagens dialéticas são genuínas (isto é, não arcaicas); e o lugar onde as encontramos é a linguagem.

WALTER BENJAMIN³

Quatro navios partiram do porto de Liverpool naquele dia do verão de 1769. Entre eles o *Unity*, um dos cento e tantos navios negreiros responsáveis por transportar 1,5 milhão de pessoas que os comerciantes de Liverpool negociaram no período em que o comércio de escravizados era legal segundo a lei britânica. Quase um ano depois, quando o *Unity* fazia a linha inferior do Comércio Triangular, em junho de 1770, os diários de bordo do navio registraram diversas tentativas de insurreição por parte dos 435 cativos a bordo. Pouco mais de duzentos anos depois, em julho de 1981, os moradores negros de Toxteth, na cidade de Liverpool, se revoltaram após a prisão de um “rapaz negro” pela polícia local (e o bairro pegaria fogo novamente em 2011, quando a polícia de Londres matou um homem negro desarmado, Mark Duggan, no bairro de Tottenham, no norte da cidade).⁴ Neste ensaio, interpreto essas insurreições como repetições do evento racial. Minha proposição é que elas expõem como a violência racial é uma condição *sine qua non* para o capital global, isto é, trata-se de uma condição de possibilidade de acumulação de capital sob a forma hegemônica do capital financeiro.

A razão para o exercício que aqui será realizado reage a um movimento recente entre filósofos europeus contemporâneos pela recuperação de um projeto comunista (da política dos *commons*), em particular, que reduz as diferenças raciais



e culturais a uma ferramenta ideológica neoliberal. Nessa volta ao universalismo, encontro o mesmo tipo de pensamento (liberal) que justifica os episódios de violência total como necessários ao capital global para se reproduzir através da expropriação da capacidade produtiva das terras e da mão de obra dos Outros raciais europeus.⁵ Vejamos, por exemplo, os recentes comentários de Alain Badiou sobre a brutalidade policial contra negros nos Estados Unidos e sobre a islamofobia na França, ambos lidos pelo filósofo como rescaldos do passado colonial.⁶ Ao comentar os assassinatos perpetrados pela polícia, ele encontra uma similaridade entre os dois países: “Há uma dimensão racista na ação da polícia” nos Estados Unidos e na França, que ele resolve através de uma distinção espaço-temporal. E segue: “Nos Estados Unidos, o problema vem de muito tempo, desde a escravidão—é um problema estrutural que faz parte de toda uma história do país desde os seus primórdios”. Ele rapidamente resolve a questão deslocando o racismo nos Estados Unidos para uma outra época:

Por um lado, podemos interpretar a polícia matando pessoas durante a gestão de um presidente negro como expressão de um racismo fundamental contra o povo negro. Por outro lado, não é este o caso, a eleição de Obama aponta para uma realidade diferente.

Quando considerado à luz da defesa de Badiou do universalismo contra a diferença cultural,⁷ é evidente que o que ele chama de “racismo fundamental” deve ser categoricamente negado (devolvido aos “tempos de outrora”). Isso é assim porque a versão de Badiou do universalismo, que sustenta suas teses comunistas, é contingente à fidelidade ao evento—no caso, à eleição de Obama, que assinalaria o fim do racismo nos países. Observo que Badiou emprega tempo e espaço para estabelecer uma distinção; ele coloca o racismo no “lá longe”, relevante no contexto dos Estados Unidos devido à escravidão, e nesses “tempos de outrora”, a tese de que a escravidão seria irrelevante após a eleição de Obama. O que está em operação nessa distinção é um tipo de pensamento temporal predominante que surgiu na Europa por volta da mesma época do surgimento do capital—uma espécie de pensamento que funciona através da imposição de uma separação entre o que acontece, isto é, ao ler os elementos em qualquer situação como relacionados sequencialmente. O pensamento temporal (sequencial) corresponde a um repúdio do materialismo histórico ao significado das arquiteturas jurídico-econômicas coloniais (como conquista, colonização e escravidão), das quais o elemento racial é um referente, para o capitalismo. O tempo não é a dimensão apropriada para “observar” o evento racial, pois o tempo exige uma liberação dos limites onto-epistemológicos do pensamento moderno, no qual a diferença racial (e sua par, a cultural) é um mero referente de outros tempos e de outro lugar.

Nesta prática, emprego uma abordagem materialista que oscila entre o registro histórico e o registro global. Ao deslocar o pensamento temporal, que impõe e necessita da presunção de separabilidade, passo a ler os “tempos de outrora” e o “lá longe” como constitutivos daquilo que está acontecendo aqui e agora e daquilo que está para acontecer. Esse experimento combinado a uma prática (forma) de leitura materialista, que chamo de pensamento composicional ou imaginação composicional,⁸ leva em conta as afirmações da crítica estadunidense Hortense Spillers e do ator britânico George Frederick Cooke (1756-1812) de que as marcas de tortura no corpo do escravizado se transferem para as gerações seguintes e de que Liverpool foi construída com sangue africano. Minha perspectiva materialista rudimentar considera os elementos de qualquer episódio de violência racial como uma matéria-prima para

o pensamento. Ler sempre “o que acontece” como uma composição (decomposição ou recomposição), sempre como já um momento, que é uma composição singular, daquilo que também constitui “o que aconteceu e o que ainda está para acontecer”. A materialidade aqui se refere à matéria no nível quântico: aquilo que entra na composição de tudo o que existe sempre como matéria/energia. Pensar a esse nível de emaranhamento exige que abandonemos (ou descentralizemos) o tempo (a quarta dimensão de Einstein) concebido como a flecha do tempo, o que explica bastante sobre a predominância do pensamento sequencial. Com empréstimos de Walter Benjamin (1892-1940), descrevo sempre o momento da ocorrência (distinto do local da ocorrência) já como uma composição, e necessariamente (porque composta das mesmas partículas) semelhante a outras possíveis composições (“o que aconteceu e o que ainda está para acontecer”). Quando se lida com o semelhante, inevitavelmente se procura a simetria, isto é, as correspondências. Ao esperar simetria—ou procurar por semelhanças—, é possível imaginar (recompor) o contexto sob observação como uma figura fractal. Isto é, em vez de procurar conexões causais (lineares), o pensamento composicional busca identificar um padrão que se repete em diferentes escalas.

Como isso funciona? Deixe-me começar reunindo as peças: a primeira, de uma entrevista de 2011 do programa *BBC News* com um policial de Liverpool encarregado de conter as revoltas de julho de 1981 em Toxteth:

Havia um bocado de gente querendo matar um policial”, disse o senhor Potts. Lembro de ter pensando umas três ou quatro vezes naquela noite, “parece que é isso aí, não vou conseguir escapar dessa”.

Alguns policiais mais velhos vieram me dizer “mataram um policial, alguém perdeu a perna, alguém foi decapitado com uma pá”.

Foi uma situação assustadora antes mesmo de entrarmos em ação.

Os sargentos fizeram o possível com seus próprios homens, mas logo a coisa virou um caos completo.

O lado bom (agora) é que nenhum policial nunca mais ficará em uma posição em que possa ser ferido tanto assim.

Foi um divisor de águas, um momento em que a tática da polícia mudou.⁹

Segundo, dos registros do capitão Norris sobre as tentativas de motim a bordo do *Unity*:

Os escravos tentaram forçar a grade durante a noite *com intuito de matar os brancos ou morrerem afogados*, mas foram impedidos pelo vigia. Pela manhã, eles confessaram sua intenção e as mulheres e os homens se mostraram decididos, ainda que frustrados por não matarem os brancos, a saltar da amurada, mas caso fossem impedidos pelos grilhões, estavam decididos, como último recurso, a incendiar o navio. A obstinação dos escravos *me levou à necessidade de baleiar o líder do grupo*.¹⁰

Como interpretar episódios que ocorreram com um intervalo de duzentos anos entre eles? Primeiro, preciso escolher as peças semelhantes:

- Liverpool é o lugar de origem tanto dos moradores de Toxteth quanto do navio *Unity*; ambos episódios ocorreram em reação a circunstâncias de violência total (escravidão e assassinato);

- Ambos os trechos descrevem uma situação em que os brancos envolvidos (os responsáveis pela violência total) estão sob ameaça de vida, mas “quem morre são negros”: David Moore em *Toxteth* e o líder do grupo a bordo do *Unity*;
- Como toda insurreição negra registrada durante ou depois da escravidão, essas insurreições “reagem a uma circunstância de violência total” perpetrada por aqueles diretamente envolvidos “econômica ou juridicamente” (e muitas vezes as duas coisas) em sua situação de opressão.

Buscando ler as correspondências, descubro que o capitão Norris tinha um investimento econômico e o mesmo controle jurídico (o direito de matar) sobre sua carga que o policial de Liverpool tinha sobre os jovens negros desempregados em *Toxteth*. Observando mais de perto o poder jurídico de Norris e do policial, descobri que, apesar da distância temporal (1770 e 1981) e espacial (oceano Atlântico e Liverpool), ambos têm a mesma função: como capitão e senhor de escravos, Norris funcionava como um homem da lei (policial) para o comércio de escravizados (em nome dos comerciantes), enquanto os policiais de Liverpool garantem a lei para o capital (em nome dos comerciantes de Liverpool)—isto é, ambos fazem algo vital para o capital; a princípio, eles estão protegendo a propriedade. Na minha leitura, esses episódios espaço-temporalmente isolados estão interligados. Eles se tornam reiterações do evento racial, cada um deles exemplificando como a violência racial protege a propriedade, a relação jurídico-econômica que une (pelo quadril compartilhado) Estado e Capital.¹¹ Embora o capital tenha se transformado ao longo dos últimos quinhentos anos, a “força” ética da propriedade—aquela que autoriza a violência total nos dois casos—permaneceu fundamentalmente a mesma. Pois o Capital Financeiro Global emprega as arquiteturas jurídico-econômicas que sustentavam o Capital Mercantil (o Comércio Triangular liderado por Liverpool durante décadas) e o Capital Industrial (as fábricas têxteis processavam o algodão plantado e colhido pelos escravos transportados pelos navios mercantes, como o *Unity*). Essas arquiteturas garantiram a expropriação da capacidade produtiva das terras dos nativos (colonizadas/ocupadas) e o tráfico negreiro e constituem a matéria-prima (a vida e o sangue) do Capital Global.

O evento racial é necessariamente sem tempo devido ao modo como a diferença racial reconfigura o colonial ao compreender o nativo e o escravo, como ferramenta científica (biológica) que imprime seus traços mentais (morais e intelectuais) fora da história.¹² Tradicionalmente, a reação crítica do pensamento racial (através de uma abordagem sócio-histórica) a esse efeito do elemento racial tem sido apresentar questões raciais em termos de conexões entre os “tempos de outrora” e o “agora mesmo” (ou entre o “lá longe” e o “aqui mesmo”). Mas isso não funciona: saber que os comerciantes de Liverpool lucravam com o tráfico negreiro, o que permitiu o surgimento do sistema bancário moderno na Inglaterra do século 17, não expõe como o elemento racial vincula esses lucros ou as insurreições negras na Liverpool de hoje; isto é, como a exclusão econômica e a polícia que a perpetua fazem parte da mesma composição que é o Capital Global. Para que isso possa ser pensável, precisamos ser capazes de imaginar o que acontece sem o tempo.

De modo semelhante, o materialismo histórico não consegue apreender o elemento racial porque, no cenário histórico, a propriedade (ou os meios de produção) é figurada no tempo, isto é, como algo que assume uma forma diferente (abstrata) no tempo. Cada forma sucessiva é contingente às novas condições sociais, é uma forma

separada da anterior (no tempo) ou contemporânea (no espaço). Precisamente porque a separabilidade e a sequencialidade ignoram a simetria enfatizada acima, o materialismo histórico de hoje permanece tão ignorante sobre o efeito racial quanto Marx (1818-1883) era um século antes. Quando o pensamento poético retoma essa simetria, ele a fratura, porque cria uma composição, uma imagem—no sentido de Benjamin, um padrão complexo que desordena a linearidade do progresso tal como ficava implícito nos comentários de Badiou sobre a eleição de Obama—, imediatamente/instantaneamente expondo o contexto global como a atualização de cada uma das reiterações do evento racial. Em suma, ele interpreta o Global como constituído por episódios de violência racial, e, como tal, ele compreende/expõe como a arquitetura jurídico-econômica colonial (conquista, colonização/ocupação, escravidão) agora figura o Estado-Capital Global.

Denise Ferreira da Silva é professora e diretora do Institute for Gender, Race, Sexuality and Social Justice da University of British Columbia (Canadá), professora-adjunta na Faculty of Art, Design, and Architecture da Monash University (Australia), e professora visitante de direito na School of Law, Birkbeck-University of London (Inglaterra). Autora de *Toward a Global Idea of Race* (University of Minnesota Press, 2007). Publicou nos catálogos das bienais de São Paulo (2016), Liverpool (2016), Veneza (2017) e na Documenta 14 (2017).

FONTE: “The Racial Event or That Which Happens Without Time”. In: COOPER, Rosie; PARMAR, Sandeep; WILLSDON, Dominic (orgs.). *The Two-Sided Lake: Scenarios, Storyboards and Sets from Liverpool Biennial 2016*. Liverpool: University of Liverpool Press, 2016. Traduzido do inglês por Alexandre Barbosa de Souza.

1. SPILLERS, Hortense. “Mama’s Baby, Papa’s Maybe: An American Grammar Book”. *Diacritics*, Nova York, v. 17, n. 2, 1987, p. 67.
2. Declaração de George Frederick Cooke (1756-1812). Fonte: *The Black & White Picture Place—The Picture Gallery: Photographs of Liverpool*. Disponível em: <<http://www.chesterwalls.info/gallery/somali.html>>. Acesso em: 19.3.2018.
3. BENJAMIN, Walter. *The Arcades Project*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999, p. 462.
4. “Leroy Cooper: The Toxteth Riots were a wake-up call and did some good”. *Liverpool Echo*, 4.7.2011. Disponível em: <<http://www.liverpoolecho.co.uk/news/liverpool-news/leroy-coopertoxteth-riots-were-3369244>>. Acesso em: 19.3.2018.
5. Para a apresentação do argumento de que os conceitos de racial e cultura constituem descritores epistemológicos que produzem globalidade enquanto um contexto ontológico figurado como o horizonte da morte, ver SILVA, Denise Ferreira da. *Toward a Global Idea of Race*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
6. “A philosophy for militants: Alain Badiou interviewed by Aaron Hess”. *International Socialist Review*, n. 95, 2014-15.
7. Para uma descrição do “sujeito do evento” como marcador de uma posição universal que desloca aqueles delineados pela lei e pela diferença cultural, ver BADIOU, Alain. *St. Paul and the Foundation of Universalism*. Stanford: Stanford University Press, 2003.
8. Essa ideia de imaginação é inspirada pela imagem de Walter Benjamin (ver epígrafe) como

artefato crítico que interrompe o pensamento temporal e sua ideia de progresso histórico. Tanto o foco na semelhança quanto a atenção às correspondências também se valem das considerações de Benjamin sobre a linguagem e a imagem. Ver BENJAMIN, Walter. “Doctrine of the Similar”. *New German Critique*, n. 17, 1979, pp. 65-69.

9. “Merseyside Police officer recalls 1981 Toxteth Riots”. *BBC News*, 3.7.2011. Nenhum policial foi morto durante a revolta. [Itálicos meus.]

10. “Attempted Insurrection Aboard the *Unity*”. *International Slavery Museum*. Disponível em: <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/ism/slavery/middle_passage/resistance.aspx>. Acesso em: 20.3.2018.

11. Algum historiador poderia escrever uma ou mais monografias refazendo a trajetória do tráfico negreiro e da situação dos negros hoje em dia em Liverpool, e talvez estabelecer alguma conexão causal. Alguns sociólogos poderiam se referir ao tráfico negreiro, mas se concentrariam na atual situação econômica dos excluídos, à qual atribuiriam os excessos da polícia e da insurreição. O foco sobre os “fatos”, no entanto, esconde uma continuidade que só pode ser captada se atentarmos para as correspondências em termos de como, em ambos os casos, encontramos a mesma relação jurídico-econômica, a saber, a propriedade.

12. A diferença racial se escreve e se imprime como o efeito do trabalho da evolução sobre os corpos humanos, visto em diferentes regiões do globo, e ao reservar a temporalidade para os corpos e lugares europeus. Ver SILVA, Denise Ferreira da. *Op. cit.*